

A poética do envelhecer em Adélia Prado

Delcio Antônio Agliardi¹
Verônica Bohm²

Resumo

Este artigo procura articular a poesia de Adélia Prado no cenário da literatura brasileira contemporânea ao envelhecimento humano, provocando o leitor a refletir sobre a longevidade e a linguagem poética do cotidiano. A maneira como a poeta constrói seus poemas permite uma articulação da sua produção à velhice, a partir do sujeito lírico, com o momento histórico e cultural da sociedade brasileira. Nesse sentido, duas categorias de análise são construídas a partir da voz feminina dessa autora. Buscamos compreender a ligação que a poeta estabelece entre a juventude e a velhice, o material e o espiritual, o profano e o religioso, o imanente e o transcendente. Para esse objetivo utilizamos o referencial teórico-metodológico análise do conteúdo (MORAES, 1999) e a obra Poesia reunida (1991) no sentido de estabelecer as relações e a construção do objeto da análise. Fazemos um mergulho nas palavras da autora e apresentamos alguns resultados que brotam sobre a temática envelhecimento, como algo representativo na literatura brasileira contemporânea. Através da análise realizada, ficou evidente o quanto sua obra está atravessada pelas questões do viver, as quais estão intimamente relacionadas ao envelhecer na sociedade atual, tendo a potência de provocar reflexões sobre este processo aos que acessam seus escritos.

Palavras-chave: Envelhecimento humano. Longevidade. Literatura contemporânea.

The poetics of aging in Adélia Prado

Abstract

This article tries to articulate the poetry of Adélia Prado in the scene of contemporary Brazilian literature in the human aging, provoking the reader to reflect about the

1 Graduado em Filosofia, com mestrado em Educação pela UFRGS. Doutorando em Letras pela Associação Ampla UCS/UniRitter. Professor do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade de Caxias do Sul - UCS.

2 Possui graduação e mestrado em Psicologia. Doutora em Educação pela UFRGS. Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade de Caxias do Sul e da Faculdade CNEC Farroupilha.

longevity and poetic language of the quotidian. The way as the poet constructs his poems allows an articulation of its production to old age, from the lyrical subject, with the historical and cultural moment of Brazilian society. Therein, two categories of analysis are built from the female voice of this author. We try to understand the connection that the poet establishes between youth and oldness, the material and the spiritual, the profane and the religious, the immanent and the transcendent. For this objective we used the theoretical and methodological reference Analysis of Content (MORAES, 1999) and the work Poesia Reunida (1991) to establish relations and the construction of the object of analysis. We plunge into the author words and we present some results about the aging theme that sprang as something representative in the Brazilian contemporary literature. Through the analysis performed it is evident how much her work is crossed by issues of living, which are closely related to aging in the present society, having the power to cause reflections about this process to anyone that access her writings.

Keywords: Human aging. Longevity. Contemporary literature.

INTRODUÇÃO

Este artigo decorre de pesquisa bibliográfica para analisar a relação entre o legado poético de Adélia Prado e o envelhecer, partindo do que ela escreve sobre a temática, bem como o que ela provocou para que pensássemos sobre a longevidade humana e seus percursos enquanto linguagem do cotidiano. A investigação faz um recorte da obra de Adélia Prado desde alguns descritores escolhidos pelos autores deste trabalho, de forma livre, buscando compreender a percepção e a influência do pensamento dessa escritora mineira sobre o envelhecimento e os processos de subjetivação. As poesias da autora servem como suporte empírico das categorias que emergem da metodologia *Análise de Conteúdo* (MORAES, 1999), utilizada para descrever e interpretar textos. Pela análise qualitativa é viável interpretar as mensagens e alcançar a compreensão de seus significados num nível que vai além da leitura comum. De acordo com Moraes (1999), a matéria-prima dessa metodologia pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal. Entretanto, os dados de pesquisa, procedentes de fontes diversas chegam ao investigador em estado bruto. Assim, torna-se necessário processá-los para facilitar a compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo.

O presente trabalho tem ênfase em duas questões contemporâneas imbricada entre si: a obra literária de Adélia Prado e o envelhecimento humano. O recente fenômeno da acelerada na mudança do perfil demográfico da população brasileira ecoa em diferentes perspectivas e afeta a todos, ao mesmo tempo em que é uma conquista sociocultural da população em seu

processo de humanização, refletindo as melhorias percebidas nas condições de vida das pessoas idosas.

Os dados recentes sobre o envelhecimento no Brasil (IBGE, 2011) revelam o tamanho da mudança que está em curso. Os idosos, considerados pela legislação nacional aqueles com mais de 60 anos, somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, quando eram 10,7 milhões de pessoas. Na comparação entre 2009 e 2011, o grupo aumentou 7,6%, o que representa 1,8 milhões de pessoas idosas a mais.

Entretanto, as informações do perfil demográfico do país compõem apenas os dados estatísticos sobre envelhecimento. Nós queremos olhar é para a vida dos idosos, na ótica e na ética da humanização. Por isso, recorreremos à poesia de Adélia Prado, uma pessoa que têm a sensível habilidade de colocar nas linhas do texto a emoção de uma vida. Fazendo jus à característica peculiar dos mineiros, Adélia é uma daquelas pessoas que chega de mancinho, mas toca de um jeito ímpar e irreverente aos que a conhecem, inclusive aos que passam a conhecê-la em sua obra.

O texto poético de Adélia Prado é tomado como mote para a compreensão da linguagem contemporânea, utilizada para falar do cotidiano, da solidão, da alegria e da tristeza, do silêncio, da beleza e da transcendência, da atitude e do tempo. Através deste estudo, buscamos interpretar os possíveis sentidos atribuídos a cada uma delas cientes da incompletude deste desafio, pois ao interpretar, damos ao material empírico, o nosso olhar sobre a obra. Neste sentido, por vezes as palavras passam a esconder determinadas emoções, as quais podem ser reveladas através dos silêncios marcados nas vírgulas, nas entrelinhas, nas pausas, reticências. Segundo Skliar (2014, p. 168), o poético é o estranhamento; "[...] sem estranhamento, sem perplexidade e, de certo modo, sem o desvanecimento do eu não se poderia pensar no poético."

Para a construção do *corpus* deste estudo tomamos a obra Poesia Reunida (ARX, 1991), que contém 351 poesias, dos livros *Bagagem* (1976); O coração disparado (1978), ganhador do Prêmio Jabuti de Literatura; Terra de santa Cruz (1981); O Pelicano (1987); A faca no peito (1988) e Oráculos de maio. A escolha se deu em razão dos temas tratados nessa obra. Buscamos um diálogo entre o texto literário contemporâneo e o envelhecimento. A poesia Tempo:

A mim desde a infância venho vindo como se o destino fosse o exato destino de uma estrela apelam incríveis coisas: pintar as unhas, descobrir a nuca, piscar os olhos, beber. Tomo o nome de Deus num vão. Descobri que a seu tempo vão me chorar e esquecer. Vinte anos mais vinte é o que eu tenho, mulher ocidental que se fosse homem amaria chamar-se Eliud Jonathan. Neste exato momento do dia vinte de julho de mil novecentos e setenta e seis o céu é bruma, está frio, estou feia, acabo de receber um beijo pelo correio. Quarenta anos: não quero faca nem queijo. Quero fome. (PRADO, 1991, p. 157).

serviu como disparador, pois com ela é possível conferir potência ao viver e consciência da própria temporalidade, quebrando o encadeamento presente-passado-futuro, instaurando um tempo cíclico, mágico-mítico, capturado pela linguagem.

Buscando dar conta dos objetivos aqui propostos, os resultados foram organizados em duas categorias: *Poesia, velhice e subjetivação*, e *A poesia como dialética do envelhecer*. Neste contexto, articulamos a escrita literária de Adélia Prado com alguns referenciais teóricos sobre o envelhecer (BOSI, 1994; BEAUVOIR; 1990, DOLL, 2007), pois o nosso foco é a poética do envelhecer.

POESIA, VELHICE E SUBJETIVAÇÃO

Quais acontecimentos poderiam ser tomados como sinalizadores do envelhecer? Há uma idade para envelhecer? De fato, estas são questões emblemáticas, posto que o ser humano constrói a sua própria representação de velhice a partir das relações estabelecidas e do lugar que a velhice ocupa na sociedade em que vive. Porém, os acontecimentos cotidianos, celebrados ou não, podem ser tomados como "alertas" de que o tempo cronológico está passando. Mesmo sendo uma pessoa de meia idade quando escreve e publica a sua obra literária, Adélia Prado preocupa-se com o tema. Trata das pessoas idosas ou em processo de envelhecimento, próximas e distantes, e também de si, numa perspectiva natural que é a passagem do tempo. A autora provoca-nos, ao tomar o seu próprio aniversário de 40 anos de idade, à reflexão de que o envelhecer não precisa ser um fardo, e que a chegada à velhice pode ser repleta de expectativas, as quais são representadas pela fome de viver. "Quarenta anos: não quero faca nem queijo. Quero a fome". (PRADO, 1991, p. 157).

A poesia nada mais é do que a vida sentida posta em palavras. Vida que vai além da vivida, mas a que marca as pessoas através da forma como vão significando as sensações dos seus dias. Vida repleta de experiências que ganham a cor e o sabor que quem a vive pode/consegue designar. Vida vivida e sentida que faz com que todos sigam envelhecendo a cada dia, desde que nascem. Mas qual a cor e o sabor do envelhecer?

Por ser um processo explícito, que faz parte da vida de todos e presente nas sociedades ao longo da existência, passa de maneira silenciosa nas primeiras décadas, mas, em determinado instante, que pode ser quando alguém mais jovem levanta-se para você sentar, ou quando uma imagem refletida no espelho revela uma marca diferente na face, ele parece surgir com a força de uma erupção, como se fosse um desconhecido assustador...que jorra lavas sobre a realidade.

Em "Disritmia" (1991, p. 58), Adélia que dá pistas de como ela vivencia este processo, "os velhos cospem sem nenhuma destreza e os velocípedes atrapalham o transito no passeio. O poeta aguarda a crítica e lê seus versos, as três vezes por dia, feito um monte com seu livro de horas". Vivência que não é certa ou errada, é sempre singular, é fruto de um processo de subjetivação, constituído através de elementos distintos, como sociais, sexuais, materiais, entre outros tantos que estão presentes na sociedade. Todavia, as pessoas não são apenas resultados das relações que vivenciam, mas também são produtoras de subjetividades, pois são afetadas, e tem o poder de afetar aos outros (CAIAFA, 2003). A subjetividade não é algo do social, mas é engendrada no registro do social (GUATARI e ROLNIK, 2005). Assim, é possível entender como a poesia serve para revelar a autora, mas também a sociedade de onde ela escreve. Porque, querendo ou não, iremos todos envelhecer. As pernas irão pesar, a coluna doer, o colesterol aumentar. A imagem no espelho irá se alterar gradativamente e perderemos estatura, lábios e cabelos (PRADO, 1991).

Por ser um processo irreversível, que inicia quando as pessoas nascem, a única forma de não envelhecer é morrer imediatamente, a fim de cessar um processo que já iniciou. Mas envelhecer parece ser algo do outro, assim, o desejo de querer ou não envelhecer, não me é dado enquanto escolha racional e possível, mas como um mecanismo de defesa inconsciente, pois, como não há o registro de finitude no inconsciente, tudo o que está associado ao fim está no nível do irrealizável. Talvez, por isso, o tempo verbal empregado pela autora para o verbo "ir" é o futuro, que é o tempo onde os sujeitos

envelhecerão, pois a alusão é ao outro. Entender o processo de subjetivação permite um olhar mais atento ao lugar que os velhos ocupam na sociedade atual. Se a juventude é vista como um valor simbólico na sociedade contemporânea, quem quer se reconhecer como velho?

No livro *Bagagem* (1976) analisamos oito poesias: "A invenção do mundo" (p. 27); "Páscoa" (p. 30); "Trégua" (p. 31); "Disritmia" (p. 58); "A serenata" (p. 84); "Enredo para um tema" (p. 91); "Dona doída" (p. 110) e "Uma forma de falar e de morrer" (p. 128), pois a autora faz inúmeras alusões ao envelhecimento, ou à velhice com adjetivos negativos. Esta maneira de marcar o processo de envelhecer e os velhos vai impactando na subjetividade das pessoas de forma sutil, mas intensa. Considerando o trecho poético anteriormente apresentado, destaca-se também a sutileza que está por trás da mudança do rosto. Ela escreve: "a imagem no espelho irá se alterar gradativamente". Novamente, o tempo verbal empregado para o verbo é o futuro, o que pode significar uma negação do processo que se está vivendo, pois a imagem no espelho se altera sempre e, salvo situações pontuais, como em acidentes, estas são sempre gradativas.

Entretanto, embora reconheça as perdas que ocorrem com o avançar dos anos, como os cabelos, os lábios e a presença de dores crônicas, havendo prejuízos importantes para os aspectos físicos que acompanham a velhice, segue acreditando que o principal transcende o corpo. Para ela, as pessoas precisam se preparar psiquicamente para fazer frente as demandas que advêm com a idade, uma vez que as perdas são inevitáveis, mas podem ter ganhos significativos.

A boa notícia é que a alma pode permanecer com o humor dos dez, o viço dos vinte e o erotismo dos trinta anos. O segredo não é reformar por fora. É, acima de tudo, renovar a mobília interior: tirar o pó, dar brilho, trocar o estofado, abrir as janelas, arejar o ambiente. Porque o tempo, invariavelmente, irá corroer o exterior. E, quando ocorrer, o alicerce precisa estar forte para suportar.³

Este apostar na capacidade humana para fazer frente às questões ligadas à velhice, mostra, sobretudo, a crença no protagonismo do sujeito. Quando ocupa este lugar central na sua vida, ciente do seu processo de

3 Erótica é a alma. Disponível em: <http://eueapsicologia.com.br/marte/erotica-e-a-alma-por-adelia-prado>. Acessado em 26/05/2016.

envelhecer, consegue fazer escolhas. Prado, em "A invenção de um modo", de forma irônica, sinaliza para a possibilidade de ser preparar para a velhice.

Entre paciência e fama quero as duas, pra envelhecer vergada de motivos. Imito o andar das velhas de cadeiras duras e se me surpreendem, explico cheia de verdade: tô ensaiando. Ninguém acredita e eu ganho uma hora de juventude (PRADO, 1991, p. 27).

A dialética fica em relevo na medida em que as questões, por vezes, paradoxais - paciência e fama, juventude e velhice, beleza e feiura - entram em diálogo para a construção de um sentido sobre o envelhecer, que é polifônico. A autora aponta que não há exagero em querer mais na dimensão simbólica da existência humana. A exclusão de um destes aspectos, pode ser limitante para a busca da satisfação na velhice. Aprender a construir novas relações a partir do que é apresentado na vida, enriquece o sujeito, construindo alicerces sólidos para o amanhã.

Em diferentes momentos de sua obra, Adélia defende a relação entre pensamento e ação, desejo e impossibilidade, passado, presente e futuro. O querer pode virar consolo, permanência sem mudança. Nas palavras da autora, "Deus é mais belo que eu. E não é jovem. Isto sim, é consolo (1991, p. 389).

"Erótica é a Alma" integra a obra da autora lançando olhares para o erotismo do viver. Reconhece na alma, e não no corpo, as possibilidades destas experiências. Para ela, ser erótica é conduzir uma vida com leveza, com humor, despindo-se de preconceitos, cobrindo-se de possibilidades, independente do tempo. No poema "Erótica é a alma que aceita a passagem do tema com leveza e conserva o bom humor apesar dos vincos em torno dos olhos e o código de barrar acima dos lábios", o erótico está na atitude frente às condicionantes impostas socialmente.

Outra poesia, Páscoa (1991, p. 30), constitui-se num texto literário em que o tema da velhice é abordado de modo direto. Nele a autora faz referência à velhice e o seu decorrer pode funcionar como um

diagnóstico e um prognóstico da situação do eu que se subjetiva através da linguagem poética:

Velhice é um modo de sentir frio que me assalta e uma certa acidez. O modo de um cachorro enrodilhar-se quando a casa se apaga e as pessoas se deitam. Divido o dia em três partes: a primeira pra olhar retratos. A segunda pra olhar espelhos, a última e maior delas, pra chorar. Eu, que fui louca e lírica, não estou pictural. Peço a Deus, em socorro da minha fraqueza, abrevie esses dias e me conceda um rosto de velha mãe cansada, de avó boa, não me importo. Aspiro mesmo com impaciência e dor. Porque sempre há quem diga no meio da minha alegria: põe o agasalho tens coragem, por que não vais de óculos? Mesmo rosa sequíssima e seu perfume de pó, quero o que desse modo é doce, o que de mim diga: assim é. Pra eu parar de temer e posar pra um retrato, ganhar uma poesia em pergaminho.” (PRADO, 1991, p. 30).

São situações que confirmam a fase da subjetividade poética que se vê no processo de envelhecer, pois no viver há contradições, inquietudes, tensões e emoções, as quais constituem a dialética do envelhecer. A ansiedade e a angústia provocadas pela passagem do tempo cronológico são ingredientes para uma postura passiva, que se expressa nas ações de olhar retratos, espelhos e chorar. As contradições vivenciadas pelas pessoas idosas, no âmbito da cultura ocidental, surgem do aprendizado de que a vida se divide cronologicamente em etapas estanques, que se instalam como num passe de mágica e não consideram o contínuo processo do envelhecer e a tensão entre todos os tempos, num movimento constante de passagem e permanência.

A POESIA COMO DIALÉTICA DO ENVELHECER

Esta categoria foi assim denominada por entender que na obra de Adélia, o processo de envelhecer é apresentado com os contrários que o constitui e que se revela nas palavras não ditas, nas passagens recheadas de emoção e contradição. Alegria e tristeza, apogeu e declínio, saúde e doença, vida e morte são elementos que atravessam a obra da autora, nunca de forma linear e estanque, tal qual a vida. A obra de Adélia é cheia de aspectos que apontam para a riqueza das emoções que compõem o viver de cada um.

Viver e morrer fazem parte do mesmo roteiro. Se, ao nascer, somos acolhidos com alegria e entusiasmo, a inevitável presença da morte na velhice contribui para que muitos, deprimam-se diante da radicalidade da finitude que ali está posta. O mundo ocidental alimenta o mito de que a morte acontece na velhice. Frequentemente nega-se que a condição para morrer é estar vivo, apenas esta. Encontramos um poema que sintetiza isso: "[...] Mas esta velha sou eu, minha mãe morreu moça, os olhos cheios de brilho, a cara cheia de susto." (1991, p. 458). Nele a morte se faz presente em uma fase da vida onde se reconhece o brilho no olho, a juventude. A surpresa da morte que se dá nesta fase é explicitada no susto que invade o rosto da mãe. A morte na juventude parece pegar a todos desprevenidos, como algo que surge antes do tempo. A autora problematiza neste poema o conflito entre corpo e mente, ao mostrar que as emoções emanadas pelos olhos, diferem da expressão marcada na face. O susto provocado pelo morrer precoce, pode ser encorajador aos que acompanham este momento, pois marca a finitude enquanto condição da vida.

É preciso envelhecer para ver o que vai acontecer. Ter fome de viver é o antídoto para que as pessoas continuem investindo na vida, como algo que se renova constantemente nas interações oportunizadas pelo convívio com os outros. É esta fome que pode permitir que o sujeito transcenda sua condição de mortal, no sentido de fazer "coisas" na vida que possam ser aproveitadas pelas outras gerações, tragam-lhe algum tipo de conforto, ao provocar um diálogo/deslocamento com uma outra dimensão, talvez voltado a questões espirituais.

No universo literário de Adélia Prado, há tensão constante entre poesia e religiosidade, vinculadas à temática do envelhecimento feminino, na perspectiva da superação dos marcos cronológicos de fases da vida, inseridos no discurso e nas ações das institucionais. Neste sentido, Deus está presente na obra de Adélia, por vezes de forma explícita, como nas poesias Consolo e A Criação do Mundo. Na primeira, a alusão é feita sobre a beleza, quando a autora reconhece o belo em Deus, sendo confortante saber que ele é mais velho que ela e segue carregando tal adjetivo. Em A Criação do Mundo, a referência é feita às Escrituras, quando menciona que leu a obra de Deus e de João e percebe que tudo o que ela havia inventado até então, lá já estava.

De forma sutil, provoca-nos a pensar, em A serenata, sobre o paradigma da juventude:

Uma noite de lua pálida e gerânios ele viria com boca e mão
incríveis tocar flauta no jardim. Estou no começo do meu

desespero e só vejo dois caminhos: ou viro doída ou santa. Eu que rejeito e exprobo o que não for natural como sangue e veias descubro que estou chorando todo dia, os cabelos entristecidos, a pele assaltada de indecisão. Quando ele vier, porque é certo que vem, de que modo vou chegar ao balcão sem juventude? A lua, os gerânios e ele serão os mesmos – só a mulher entre as coisas envelhece [...]. (PRADO, 1991, p. 84)

Neste está contido os rótulos da beleza, do vigor, da coragem, da potência, valorizados pela cultura ocidental capitalista contemporânea, que mostra-se como patriarcal e machista. A poesia adeliana não ignora o envelhecimento, não se cala diante dos poderes machistas. Quando escreve que Deus não é jovem, mas continua sendo belo, sinaliza que a beleza não é um atributo da idade, mas do sujeito, constituído através das relações que se estabelecem no percurso existencial. A manutenção da jovialidade pode se revestir de uma consciência individual dos limites da vida, mesmo numa época de aumento da longevidade.

A longevidade humana em Adélia Prado mantém vínculos estreitos com a memória, representada na ideia de que somos o que lembramos. Em Enredo para um tema, a memória é tida como a possibilidade de permanecer evocando aquilo que a emoção grifou. Nas palavras de Adélia, "O melhor do amor é sua memória, disse meu pai" (1991, p. 91). Talvez, mais do que o que foi vivido, mas o significado atribuído é o que está sustentando tal poema. Ao evocar a memória do pai, traz lembranças de outros tempos que a constituíram e que seguem alicerçando o seu viver. Evidencia-se também o lugar que este pai representa na sua história, sendo alguém que deixou marcas importantes para que ela pudesse conduzir sua vida. Esse elemento se revela no tom confessional e, por vezes, nostálgico com que Adélia transforma as lembranças e os aprendizados da vida em matéria poética, utilizando imagens do cotidiano e linguagem prosaica como meio de aproximar a poesia do leitor comum.

PALAVRAS FINAIS... POR ENQUANTO

Neste artigo, buscamos explorar elementos da poesia de Adélia Prado para a reflexão em torno do envelhecimento humano. Sobre esta temática, sua contribuição é, no mínimo, surpreendente, pois ao debruçarmo-nos sobre sua obra, inúmeras foram as poesias que se revelaram pertinentes. Ao organizarmos o texto em duas categorias, percebemos a abrangência dos seus escritos e a forma dialética que eles estão estruturados. A autora oferece em sua obra elementos significativos para uma reflexão sobre os interesses e jogos

sociais que aparecem com o envelhecimento humano, no ambiente familiar e no comunitário.

O envelhecimento na obra de Adélia aparece de forma realista e, por vezes, irreverente. Considera o declínio biológico como algo natural, ao mesmo tempo em que reconhece as possibilidades que se apresentam aos que se permitem envelhecer de forma saudável. Alerta sobre a necessidade da pessoa voltar-se para seu interior, pois nele reside a sua autoperformance. A beleza, os interesses, as relações são fatores que ajudam a pessoa em sua trama existencial.

As categorias de análise deste texto evidenciam que a velhice é um tema valorizado e instigante na obra da autora. O eu lírico entra no campo sociocultural para valorizar essa etapa diferente da vida e fornece elementos para compreendê-la da melhor forma possível, no jogo das contradições, tensões e resistências.

Como os primeiros ventos que sopram, Adélia chegou no mundo literário. Assim como o tempo, sua obra traz todas as estações do viver nas dimensões subjetivas. Chegando de mancinho, convida o leitor a mergulhar na imensidão de um universo ficcional, o qual serve como referência para refletir sobre as suas relações no e com o mundo, ou seja, a subjetivação. Se a autora chegou como brisa, ao passar pela vida dos seus leitores, provoca tempestades, as quais tem a potência de trazer uma nitidez necessária para que o sujeito consiga enxergar as nuances da vida, podendo aproveitar o que cada uma delas traz de melhor. Assim, a vida torna-se poesia.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAIAFA, Janice. Subjetividade e espaço construído na viagem de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria, CEREZZO, Antônio Carlos, RODRIGUES, Heliana de Barros Conde (Orgs.). **Clio-Psyché paradigmas: historiografia, psicologia, subjetividades**. Rio de Janeiro: Relime Dumará: FAPERJ, 2003, pp.131-138.

DOLL, Johannes. **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. Ed. rev. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

IBGE. **Sinopse do Senso Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default_sinopse.shtm. Acessado em 20/05/2016.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. In: Revista Educação, n. 37, p. 7-32. Porto Alegre, 1999, v. 22. Disponível em [file:///E:/Arquivos/Downloads/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999%20\(1\).pdf](file:///E:/Arquivos/Downloads/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999%20(1).pdf). Acesso em 19/05/2016.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: ARX, 1991.

Recebido em 29/04/2016
Aprovado em 08/07/2016